

**ASPECTOS LINGÜÍSTICOS
NA GRAMÁTICA DE FERNÃO D'OLIVEIRA⁸**

Horácio França Rolim de Freitas (UERJ – ABF)

RESUMO

Fernão de Oliveira, apesar de ter sido o primeiro gramático de nossa língua (1536), não se submeteu aos ditames da gramática latina, como ocorreu com inúmeros outros autores que lhe seguiram, a começar por João de Barros (1540) que, inclusive declina os substantivos (!)

Das várias edições que a obra de Oliveira mereceu, destaca-se a de Olmar Guterres da Silveira, de 1954, microfilmada do único exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa

Sua importância e superioridade em relação aos gramáticos de sua época mereceu abalizada apreciação do eminente lingüista Eugenio Coseriu, concedendo a Fernão de Oliveira um lugar de destaque na história da lingüística românica e na lingüística geral.

Em 2000, os filólogos portugueses, Amadeu Torres e Carlos Assunção, publicaram, pela Academia das Ciências de Lisboa, a edição mais completa e fidedigna da Gramática de Fernão de Oliveira, não só por ser edição crítica, semidiplomática e anastática, mas também pelos eruditos comentários dos referidos filólogos, tendo, ainda, merecido um Estudo Introdutório de Eugenio Coseriu.

PALAVRAS-CHAVE: vogais; figuras; ortografia; analogia; dições

Apesar de ter sido o primeiro gramático da língua portuguesa, distanciou-se muito de seus sucessores pela originalidade, particularmente na área fonética. Sua perspicácia na descrição dos fonemas mereceu a seguinte afirmação de Eugenio Coseriu:

“Oliveira supera, contudo, todos, mesmo a Nebrija, pela agudeza de suas observações, pela minuciosidade e pelo caráter sistemático de suas descrições dos sons portugueses.” (in *Língua e Funcionalidade em Fernão de Oliveira*)

O texto da 1ª edição foi publicado em 1536, em Lisboa, pelos

⁸ Trabalho apresentado no III Encontro Nacional com a Filologia, promovido pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos na Academia Brasileira de Letras, em maio de 2004.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

editores German e Galhardo. Uma 2ª edição veio a público em 1 871, Porto, Imprensa, pelos editores Visconde d'Azevedo e Tito de Noronha. Em 1 933, saiu uma 3ª edição, em Lisboa, pela Tipografia Beza, sob a responsabilidade de Rodrigo de Sá Nogueira e José Fernandes Júnior. Uma 4ª edição veio a lume em 1 954, como tese de concurso do filólogo Olmar Guterres da Silveira, cujo texto foi reproduzido da edição de 1 536, copiado por microfilme do exemplar único da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Cumprе lembrar que essa edição do eminente mestre foi a utilizada por Eugenio Coseriu em sua obra *Língua e Funcionalidade em Fernão de Oliveira*, tradução de Maria Christina da Motta Maia, Rio, Presença, 1 991, p. 16.

Uma 5ª edição foi publicada em 1 975 por Maria Leonor Carvalho Buescu, com introdução, leitura atualizada e notas, pela Imprensa Nacional da Casa da Moeda, Lisboa.

Em 2 000, a Academia das Ciências de Lisboa publicou a *Gramática da Língua Portuguesa*, edição crítica, semidiplomática e anastática pelos renomados mestres Amadeu Torres e Carlos Assunção.

Quero esclarecer de passagem a importância dessa edição para a cultura filológica da língua portuguesa. Enquanto uma edição diplomática elimina as dificuldades de natureza paleográfica, a edição semidiplomática ou diplomático-interpretativa é mais profunda, uma vez que melhora o texto através da divisão de palavras, faz o desdobramento das abreviaturas e a devida pontuação. É também anastática, isto é, o texto é reproduzido e refeito por processo químico que o torna mais legível que o fac-símile, que é apenas fotografado.

Contudo, o valor do texto sob a responsabilidade de Amadeu Torres e Carlos Assunção não pára aí. Trata-se de uma edição crítica, trabalho de fôlego só permitido aos filólogos. É um estudo obedecendo às normas da Crítica Textual. O maior objetivo é tornar o texto inteligível, facilitar-lhe a leitura. Daí a importância em interpretá-lo, elucidando as referências históricas, geográficas, mitológicas etc. Vê-se, pois, que o filólogo precisa de sólidos conhecimentos, inclusive da língua e da época em que a obra foi escrita. Apenas para

exemplificação, citaremos uma passagem do Capítulo V da Gramática, onde se lê: “*Beroso comero gallo ensinou letras e leis*”, onde a expressão *comero gallo*, com letra minúscula refere-se a nome próprio. É interessante ressaltar que já houve edições em que a expressão foi interpretada como: *comeram o galo!* Outras limitam-se a nomear Comero Gallo sem explicá-lo. Coube aos doutos Amadeu Torres e Carlos Assunção a explicação definitiva.

Nessa passagem, Beroso explica que coube a Comero Gallo, um dos primeiros na Itália, ensinar letras e leis. Fernão de Oliveira colheu essa informação na obra do dominicano João Ânio de Viterbo. O nome Comero Gallo, segundo essa explicação, refere-se ao “*neto de Jápeto e filho primogênito de Íon, um dos oito irmãos de Túbal ou Júbal, é uma das personagens pós-diluvianas*”.

Passemos, agora, aos aspectos lingüísticos da Gramática de Fernão de Oliveira.

A grande virtude de nosso primeiro gramático foi, além de sua argúcia lingüística, não se deixar levar pela imitação quase servil da gramática latina, como ocorreu com outros autores, nem subordinar-se ao movimento da gramática filosófica. Ele mesmo o diz no Capítulo L: “... *escrevi sem ter outro exemplo antes de mi*”.

A importância dos traços distintivos na classificação dos fonemas se deve à Fonologia de Praga. Haja vista que, sob critério estritamente fonológico, foi Mattoso Câmara o primeiro a aplicá-los à língua portuguesa.

Fernão de Oliveira se mostra muito mais coerente na classificação das vogais, quanto ao timbre, que muitos autores de nossa época.

No Capítulo VIII⁹ explica: “... temos oyto vogaes na nossa lïgoa mas nã temos mais de çinco figuras”

Não confunde letra com fonema, ainda que em sua época *litera* representasse tanto a letra como o fonema. À unidade fônica de nomina de pronúnciação e à representação gráfica chama figura ou

⁹ Foi utilizado o texto da Gramática de Fernão d'Oliveira, edição de 1954, de Olmar Guterres da Silveira

sinal.

Ao estudar as vogais, Fernão de Oliveira descreve separadamente “a figura e a pronúncia” que, às vezes, também chama de “voz”, como fazia Nebrija. Identifica oito vogais, distinguindo /a/ /e/ /o/ grandes e /a/ /e/ /o/ pequenos, nomenclatura que corresponde a *abertos e fechados*.

É importante notar que, em sua visão lingüística, o nosso primeiro gramático exclui /i/ e /u/ na distribuição de grandes e pequenos, isto é, abertos e fechados, uma vez que o timbre não atua sobre estas vogais em português. Eis a sua explicação no Cap. VIII:

... e verdade q) temos a grande e a pequeno; e grande e e pequeno; também o grãde e o pequeno. Mas nã temos assi diversidade ã i nem u.” e conclui: “... conhecendo esta verdade avemos de cõfessar q temos oyto vogaes na nossa lĩgoa mas nã temos mais de çinco figuras.

VIZINHANÇA DAS VOGAIS

No Capítulo XVIII nos diz que há tanta vizinhança entre *u* e *o* pequeno que quase nos confundimos, dizendo uns *somir* e outros *sumir*; *dormir* e *durmir*. Essa flutuação entre *o* e *u* pretônicos é, portanto, antiga. Hoje se conhece como debordamento: *coruja/ curuja*; *colégio / culégio*.

DITONGO OU HIATO?

Nos Capítulos XXVII e XXVIII, lemos que na palavra *marmorea* aparece mais ou menos a sua voz: *e pequeno ... e tem logo outra vogal em outra sílaba (o grifo é nosso) a qual lhe tira parte da voz... tão pequeno fica este e que muitos se enganam e escrevem em seu lugar i*.

Vê-se que o apuro auditivo leva Fernão de Oliveira a perceber duas sílabas na terminação de *glória* e *marmorea*.

Os chamados ditongos crescentes surgem em sílaba átona, ocasionando variação livre, isto é, possibilitando ao falante enumerar os dois fonemas vocálicos em uma ou duas sílabas, o que levou Matoso Câmara a excluir a relação dos ditongos crescentes, à exceção

do encontro precedido de consoante velar, como: quatro, quinqüênio, quase, em que a enunciação como ditongo é precisa.

Outra não é a opinião do eminente e saudoso mestre, Prof. Olmar Guterres da Silveira, quando, acerca dessa passagem, nos diz: *“Realmente a nossos ouvidos aparece nítida a pronúncia de hiato em tais palavras.”*

Não menos interessante é a interpretação de Fernão de Oliveira ao explicar a posição final de sílaba, em português, onde só aparecem vogais e ditongos, incluindo aí /l/ e /r/, chamando esses fonemas de *“semivogais e quase vogais”*.

É oportuno lembrar uma visão moderna estruturalista em relação a /l/ e /r/, ao distinguir as consoantes, quanto ao modo de vencer o obstáculo de 1º grau em oclusivas, fricativas e soantes. Enquanto as oclusivas e fricativas apresentam, respectivamente, um grau maior e menor de vencer o obstáculo, daí serem consoantes, as soantes (líquidas e nasais) se caracterizam pela quase ausência de obstáculo, aproximando-se, deste modo, das vogais e contrastando com as demais consoantes.

Ao descrever as consoantes, usa uma linguagem simples, inteligível e até pitoresca, como ocorre ao explicar a enunciação da bilabial:

“Pronuncia-se a letra b entre os beijos apertados, lançando para fora o bafo com ímpeto e quase com baba.”

DIVISÃO DA GRAMÁTICA

Em sua Gramática, Fernão de Oliveira trata de Ortografia, onde estuda, principalmente, os fonemas; de Acento, tratando aí das sílabas e do aspecto prosódico; da Etimologia, como origem das palavras; da Analogia, onde estuda a flexão e a derivação; e, finalmente, Concerto, parte sintática a que só se refere de passagem.

Ao abordar a Etimologia, fá-lo em seu conceito exato: origem das palavras, o que já não sucedeu com o grande Nebrija que, ao definir Etimologia como: *“Verdade das palavras”*, considerou o estudo das classes de palavras e suas categorias.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No Capítulo XXX, assim divide o estudo da Etimologia: “*e esta dividimos em nossa, alheia e comum*”.

As chamadas *nossas dições*, ou palavras, diz serem aquelas que nasceram entre nós ou já tão antigas que não sabemos se vieram de fora. Quanto a estas manda a gramática saber donde, quando, porque e como foram feitas.

Vê-se, aí, uma perspectiva diacrônica de Fernão de Oliveira e sua consciência das dificuldades no levantamento etimológico das palavras. São suas as seguintes ponderações:

“Para se saber tudo isto requer ler e ver muito e ainda assim alcançaremos pouco.”

Não deixa de fazer crítica às falsas etimologias que eram frequentes na antigüidade pela falta, é óbvio, de princípios científicos da linguagem.

E, assim, adverte:

Ora se como adivinhando, dissermos que homem assim se denomina porque está no meio do mal e do bem; mulher assim se chama porque é mole; velho porque viu muito; tempo porque tempera as coisas; pássaro porque passa voando, e assim como estas poderemos imaginar outras duzentas patranhas porque são sempre abundantes e falsas, pouco aceitas entre os homens sabedores que, muito lendo e trabalhando, se prezam e não são de imaginações aldeãs sem juízo.

Chama de *dições alheias* aos empréstimos recentes. Em suas palavras: “*aquelas que de outras línguas trazem à nossa por alguma necessidade.*”

Exemplifica uma palavra recém-introduzida: *picote* que significa “certo pano grosseiro” e, segundo Nascentes, provém do espanhol.

É ainda digna de referência a sua conclusão sobre essas palavras alheias:

“Estas dições alheias com necessidade e não facilmente trazidas, chamaremos alheias, enquanto forem novas. Depois, com o tempo, adaptando-se à língua, chamaremos nossas”.

Em seguida, estuda as *dições comuns*, que seriam empréstimos antigos, de difícil conhecimento etimológico na época do arguto

gramático. E ele justifica parte dessa dificuldade:

“E o tempo que passam de uma língua para outra é tão distante, que não podemos facilmente saber de qual para qual passaram; podiam receber da nossa, como a nossa delas.”

Exemplifica as palavras: *“alfaiate, almoxarife, alguidar, almocreve.... as quais dizem que são mouriscas”*.

Ao tratar da Analogia, segue a Varrão, caracterizando bem o princípio da Analogia: semelhança de formas e aplica-a, principalmente, aos nomes e aos verbos. Trata de flexão, derivação e formação de palavras.

No Capítulo XLIII, diz que os artigos de nossa língua variam em gênero, número e caso. Ao admitir casos nos nomes, não os considera declináveis, apenas como tipos de funções oracionais, designados por ele de prepositivo, possessivo, dativo e pospositivo, correspondendo, respectivamente, a nominativo, genitivo, dativo e acusativo, e descreve o uso do artigo de acordo com estas funções.

Essa visão lingüística de nosso primeiro gramático levou Eugênio Coseriu a denominar de “retrocesso” a descrição feita por João de Barros, ao admitir os seis casos latinos para o substantivo.

Fernão de Oliveira não só afasta o conceito de casos na língua portuguesa, como explica o uso das preposições na substituição daqueles. E ainda acrescenta:

“Disse isto porque alguns gramáticos ensinam mal, dando notícia dos casos a seus principiantes.”

É oportuna a observação do Prof. Olmar Guterres da Silveira quando afirma:

“Fernão d’Oliveira distingue cuidadosamente o sistema português, em que a colocação e o emprego das preposições substituem as desinências casuais”.

Outro aspecto morfológico digno de nota é o tratamento que dá à formação do plural dos nomes em -ão. Explica o gramático que eles apresentam três formas: grão/grãos; melão/melões, e cão/ cães. Ensina que tal diversidade no plural se deve às diferentes formas do singular no português arcaico, terminadas em -ão, -õ, -ã, diversidade

esta mantida apenas no plural.

Em sua visão lingüística, Oliveira procura sistematizar a língua, observando o seu funcionamento. Daí, já admitir três conjugações, destacando a terminação do infinitivo em –ar, –er e –ir. Classifica de exceção o infinitivo de pôr, terminado em –or, mas lembra que já tivera a forma poer. Tem, pois, noção precisa das conjugações em português, o que não ocorreu com outros gramáticos posteriores, e até do século XX, que registravam uma 4ª conjugação com o verbo pôr e seus derivados.

Merece também destaque na obra de Fernão de Oliveira a distinção entre flexão e derivação. Seguindo os passos de Varrão, distingue declinações naturais e declinações voluntárias. À semelhança do gramático latino, Oliveira faz um paralelismo entre analogia e anomalia. Mas sobre essa comparação entre os dois gramáticos, recorreremos às lições de Eugenio Coseriu na tão conhecida obra: *Língua e Funcionalidade em Fernão de Oliveira*.

Diz-nos Coseriu que num ponto ambos os gramáticos concordam: o uso do termo declinação (*declinatio*) que serve tanto à flexão quanto à derivação. Comparando-os, Coseriu destaca a visão do gramático português que, nesse assunto de Morfologia, vai além de Varrão. Enquanto este se limita a estabelecer a analogia e a anomalia (regularidade/ irregularidade) do uso lingüístico, rejeitando os fatos contrários ao uso, Fernão d’Oliveira concebe a língua como sistema de possibilidades, considerando planos diferentes para regras e realizações.

Para Varrão a derivação está no campo das irregularidades e a flexão, no das regularidades. Fernão de Oliveira, ao contrário, considera a língua “*Antes de tudo um sistema de regularidades*”, cujo fiel da balança é a norma (o uso), atuando tanto na flexão como na derivação.. Por isso inclui na declinação natural vários fatos de derivação por seguirem “*leis e regras de formação*”

Exemplifica sua teoria através de alguns tipos de derivação, como, por exemplo, o emprego dos sufixos –ão, –dor, –mente, cuja utilização dependerá de “regras naturais”.

São elas também que exemplificam ser o substantivo do verbo ler, *lição*, do verbo orar, *oração*, mas dos verbos amar e honrar,

por outro tipo de formação: *amor e honra*.

Outro ponto digno de nota de nosso primeiro gramático é a correlação que faz na composição entre formas verbais como: *acorrer*, *encarregar*, *aparecer*, exemplos de composição (= ajuntamento), uma vez que um dos elementos apresenta significação lexical e ocorrência autônoma. Esta autonomia já não se efetua em palavras como: *arranhar*, *apanhar*, *ensinar*, em que nenhum dos elementos apresenta autonomia, não se processando, assim, a composição, como conclui Oliveira na seguinte passagem:

“... *na verdade isto em muitas partes não he ajuntamento se não costume be amedado antre nos.*”

Mereceu observação de Eugenio Coseriu o critério adotado pelo referido gramático que, ao admitir para a composição o valor significativo em apenas um dos elementos, apresenta analogia com certas interpretações modernas, principalmente com as de Bloomfield para quem *conceive*, *deceive*, *receive* constituem palavras dimorfêmicas, isto é, união de prefixo e radical.

Cumprе aqui esclarecer que, nesse critério distribucional, importa a ocorrência dos elementos constitutivos da palavra em outros “compostos”. Assim, em *conceber*, *receber*, por exemplo, o elemento *-ceber*, ainda que não tenha uso e significação isoladamente, representa um morfema (radical) pois o primeiro elemento *com-*, *re-* pode-se juntar a outros radicais, como ocorre em *conduzir*, *reduzir* etc.

Esse critério defendido, dentre outros, por Zellig Haris, mereceu contundente retificação de Henri Frei em sua magistral obra *Critères de Délimitation*.

Outro aspecto de formação prefixal abordado por Oliveira é o caso dos prefixos reforçativos (prefixo fictício) em palavras como: *estorvar* e *torvar*. Essa visão de nosso gramático não passou despercebida da argúcia do filólogo Olmar Guterres da Silveira que, em sua edição da *Grammatica de Lingoagem Portuguesa* (1954), assim se pronuncia:

Estudando os prefixos, precisa-lhes o valor e chama a atenção do leitor para certas palavras que apresentam um fictício prefixo *a*; melhor diríamos, que poderiam parecer formas prefixadas aos ouvidos menos avi-

sados. (p. 26)

Fernão de Oliveira tratou também da origem da língua, das mudanças lingüísticas e da língua padrão. Sobre esta destaca-lhe a clareza e a inteligibilidade, qualidades daqueles que a cultivam e falam melhor.

É oportuno transcrever aqui as próprias palavras do perspicaz gramático:

A primeira e principal virtude da língua e ser clara e q) a possão todos entender e pera ser bem entêdida há de ser a mais acostumada antre os milhores della e os milhores da lingua são os q) mais lerão e virão e viverão continoando mais antre primores sisudos e assentados e não amigos de muita mudãça. (Cap. XXXVIII)

A argúcia de nosso primeiro gramático em não considerar corrupção as mudanças lingüísticas mereceu elogio de Eugenio Coseriu, ao atribuir-lhe o “*mérito que não tiveram outros teóricos do Renascimento.*”

E ainda na já citada obra *Língua e Funcionalidade em Fernão de Oliveira*, conclui que Oliveira merece, por suas notáveis idéias, um lugar de destaque na história da lingüística românica e na lingüística geral.

Realmente, à exceção de Nebrija, nenhum outro gramático dessa época pôde ombrear-se a Fernão de Oliveira.

Quero encerrar esta apreciação sobre a *Grammatica* de Fernão de Oliveira, deixando aqui registradas as lúcidas observações dos doutos filólogos Amadeu Torres e Carlos Assunção, na mais completa edição desta obra publicada pela Academia das Ciências de Lisboa em 2000:

O Homem da Diferença. Fernão de Oliveira jogou na diferença e marcou uma nova era na lingüística lusa, como de resto jogaram os nossos pilotos e marinheiros abrindo ao mundo novos céus e novas terras. (p. 10)

BIBLIOGRAFIA

BARROS, João. *Gramática da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Comp. e imp. na Sociedade Astória Ltda, 1957.

COLLART, J. *Varron Grammaire en Latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1954.

COSERIU, Eugenio. *Língua e Funcionalidade em Fernão de Oliveira*. Trad. de Maria Christina da Motta Maia. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

FREI, Henri. *Critères de Délimitation*, artigo publicado na obra *Linguistics Today*. Edited by André Martinet and Uriel Weinreich, New York: Columbia University 1954.

NEBRIJA, Antonio de. *Gramática Castellana*. Madrid: Junta del Centenario, 1946.

SILVEIRA, Olmar G. da. A "*Gramática*" de Fernão D' Oliveyra. Rio de Janeiro: Metáfora [?], 1954.

TORRES, Amadeu e ASSUNÇÃO, Carlos. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000.